



Júlio César Lima Moreira*

RESUMO

Este artigo apresenta uma breve discussão teórica voltada aos iniciantes nos estudos linguísticos quanto ao ponto de vista lançado sobre a língua de dois modelos linguísticos: Estruturalismo Linguístico e a Sociolinguística Variacionista. Enfatizamos a semelhança entre os dois modelos quanto à concepção de língua como artefato social compartilhado e fruto da convenção de uma “comunidade de fala”. Porém, a partir desse ponto em comum entre os modelos, discorremos sobre as diferenças entre os dois modelos quanto aos pressupostos teóricos que versam sobre a organização do sistema linguístico, em especial, quanto a sua concretização na interação comunicativa, a fala. Nesse sentido, a partir da perspectiva variacionista, serão abordadas criticamente as dicotomias saussurianas. Defendemos a maior adequação do modelo variacionista por considerar em sua análise a língua em uso sem desconsiderar a variação linguística apreensível na fala, considerando-a como inerente ao sistema linguístico.

Palavras-chave: Estruturalismo linguístico. Dicotomias saussurianas. Sociolinguística variacionista.

ABSTRACT

This paper presents a brief theoretical discussion geared to beginners in language studies concerning the viewpoint about the object in two linguistic models: Structuralism and Variationist Sociolinguistics. We emphasize the similarity between the two models concerning the concept of language as a shared social artifact and a result of the convention of a “speaking community”. However, from this similarity between the models we discuss the differences on language approach and, especially, on its concretization in the communicative interaction, the speaking. In this sense, from the variationist perspective, we critically approach the Saussurean dichotomies. We highlight the most compliance of the variationist model for it consider in its analysis the language in use does not disregard the linguistic variation understandable on speech considering it as inherent to the linguistic system.

Keywords: Structuralism. Saussurean dichotomies. Variationist sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

Aos iniciantes nos estudos linguísticos é imprescindível o conhecimento dos postulados de Ferdinand de Saussure, considerado pai da Linguística moderna. O autor suíço conferiu caráter científico e *status* de ciência à Linguística, ao inaugurar o modelo teórico conhecido como Estruturalismo Linguístico.

* Mestre em Linguística (PPGL/UFC) Professor de língua espanhola e portuguesa do Instituto Federal do Piauí.
Email: julioo007@yahoo.com.br

Saussure, em sua obra, considera que a língua é um fenômeno social, ferramenta imprescindível para a interação comunicativa e fruto da convenção estabelecida em dada comunidade. O Estruturalismo coincide com a Sociolinguística Variacionista quanto à concepção do caráter social da língua, uma ferramenta compartilhada por todos os membros da comunidade de fala que a usam e a dominam, o que permite a comunicação entre si. No entanto, esses modelos divergem quanto à abordagem e ao ponto de vista lançado sobre o objeto, a língua.

O estruturalismo, preocupa-se com analisar a língua como um sistema idealizado, imanente e homogêneo, onde os elementos linguísticos se combinam e se organizam regidos por regras de dependência e/ou oposição e estabeleceram-se premissas para fundamentar esse modelo teórico. Por sua vez, a Sociolinguística Variacionista, concebe a língua como um sistema heterogêneo e sujeito à variação propiciada pelo uso social e compartilhado da língua em eventos concretos de interação comunicativa. Desse modo, uma língua natural seria um sistema passível à atualização e mudança e que poderia apresentar características, normas e padrões diferentes de uso nos níveis: fonológico, morfológico e sintático, entre os diferentes estratos sociais de uma comunidade de fala, e até mesmo de uma comunidade em relação a outra que falem a mesma língua natural. Para a Sociolinguística a heterogeneidade social implica inerentemente a heterogeneidade linguística.

Tendo em vista que ambos os modelos supracitados consideram a língua um fenômeno social, nos propomos, neste breve ensaio, a apontar de forma simplificada aos iniciantes dos estudos linguísticos as diferenças entre o Estruturalismo Linguístico de Saussure e a Sociolinguística Variacionista no tocante à concepção de língua como fenômeno social e, assim, apontar as diferentes perspectivas sobre o objeto, a *langue*. E, nesse sentido, almejamos demonstrar a maior adequação do modelo variacionista na análise de dados concretos da língua observáveis no vernáculo, dada sua concepção de língua que abrange o tratamento da variação linguística observável na fala e concebida como inerente ao sistema linguístico.

Destacamos sucintamente, a seguir, o modelo teórico do Estruturalismo Linguístico com enfoque nas dicotomias saussurianas, logo, ampliamos com um breve tópico sobre o Gerativismo, apontando a semelhança entre os dois modelos. Em seguida, trazemos a fundamentação teórica da Sociolinguística Variacionista. Por fim, confrontamos ambos modelos apontando criticamente alguns pontos contraditórios entre os modelos estruturalista e variacionista que, embora compartilhem a premissa de língua como um artefato social, se distinguem no ponto de vista adotado sobre o objeto, em que um considera a língua um

sistema ideal, homogêneo e o outro lança sua análise na concretização desse sistema, na fala, considerando a língua um sistema heterogêneo, isto é, sujeito às pressões de uso e à variação e à mudança.

2 ESTRUTURALISMO LINGUÍSTICO: UM BREVE PANORAMA

O Estruturalismo concebido por Saussure legou à tradição linguística um modelo de estudo da linguagem que revolucionou os estudos linguísticos, atribuindo-lhe um estado de ciência. Um modelo que concebe a língua como um sistema de regras independente e sem interferência externa a ele. Nesse sentido, Mattoso Câmara assim o define:

(...) é uma nova forma de encarar os fenômenos linguísticos porque faz com que a significação dependa, completa e exclusivamente, das suas relações íntimas e liberta esta concepção de outros postulados, falsos ou unilaterais, que tinham sido explicitamente enunciados e através dos quais se devia deduzir a existência de relações vagas e indistintas. (CAMARA JR., 1979, p. 110).

Inicialmente, vale destacar que neste modelo teórico o ponto de vista lançado sobre o objeto, a língua, é uma perspectiva sob a qual a língua é vista como um sistema homogêneo, fechado, desconsiderando influências externas ao sistema e as “irregularidades” da fala. Prevê um sistema hierarquicamente dividido em níveis e que os elementos (onde se privilegiam os signos linguísticos, o léxico, em detrimento dos componentes gramaticais), mantém entre si uma relação de dependência.

Trazemos a dicotomia *eixo sintagmático/eixo paradigmático*. O modelo estruturalista prevê que no sistema, na produção linguística de frases, há relações do tipo *paradigmáticas* (escolha de determinado item de dada categoria gramatical ou lexical de acordo com sua função ou significado) e *sintagmáticas* (referente às combinações possíveis entre os elementos no nível da frase) onde o falante se vale dessas relações na codificação de sua mensagem.

Para ilustrarmos de forma simples, essa dicotomia em língua portuguesa, tomemos a frase: “*Os meninos ____ fizeram um gol*” imagine-se e que nesse espaço há um qualificação do signo “*meninos*”, dentro do eixo paradigmático estariam as escolhas possíveis na categoria adjetivo que poderiam ser relacionadas ao signo “*menino*” (traços semânticos: animado, humano, pouca idade). E no campo das relações sintagmáticas teríamos um adjunto ligado ao nome “*meninos*” que deve concordar em gênero e número com ele por ser o núcleo

do sintagma nominal com função de sujeito, por ser uma das regras do sistema no eixo de relações sintagmáticas.

A *arbitrariedade* do signo linguístico é outro ponto marcante desse modelo. O *signo linguístico* é a composição do *significante* (a imagem acústica) mais o *significado* (o conceito a que se liga o significante) e ao que se associa o *referente* (quando se tem representação no mundo concreto). Para Saussure, não há necessariamente motivação nessa relação do signo linguístico, mas sim o significante é fruto de convenção instituído na comunidade e, assim, o signo é incorporado ao sistema. Quanto a esse caráter arbitrário do signo, nos diz: “*justamente porque é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário*” (SAUSSURE, 1975, p.88).

Destacamos outra dicotomia saussuriana, *langue* / *parole*. Para Saussure, a *langue* só existe na mente dos falantes, forma uma rede de relações entre os elementos do sistema que se concretiza na *parole*. No modelo estruturalista se descarta que a atualização concreta do sistema na fala, forme parte do sistema. Ou seja, os titubeios, as hesitações, as contrações fonéticas, marcadores discursivos, a variação linguística, etc. aquilo que não é previsto e considerado como regular e ordenado não se encaixa no sistema, e, assim, são excluídos desse. Nesse modelo, a língua não é individual e que só se completa na coletividade, portanto uma instituição social.

Outra relevante dicotomia saussuriana é: *sincronia* / *diacronia*. No Estruturalismo, a análise se centra no sistema operante num recorte atual (eixo das simultaneidades) desconsiderando a trajetória dos itens linguísticos (eixo das sucessividades), rejeitando, desse modo, o estudo da história da língua e, conseqüentemente, a inerente trajetória de variação e mudança sofrida ao longo desse percurso. Desse modo, o modelo considera que na fala atual não há variação, mas sim um hipotético equilíbrio. Quanto a isso, o autor suíço diz que “*É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência; diacrônico tudo que diz respeito às evoluções*” (SAUSSURE, 1975, p.96). A variação observada na *parole*, nesse sentido, é considerada externa ao sistema e que corresponde aos estudos diacrônicos a sua investigação.

3 O SUCESSOR ESTRUTURALISTA: O GERATIVISMO

Passando ao sucessor do modelo estruturalista saussuriano, também de base formalista, está o Gerativismo. Esse modelo se alinha ao modelo estruturalista no tocante à concepção de homogeneidade da língua e de exclusão da reflexão sobre os conteúdos sociais

(MONTEIRO, 2008, p.15). Porém, é importante ressaltar que não se centra no estudo da língua, mas sim no estudo da linguagem, sendo esta “*a faculdade mental que determina as capacidades linguísticas do ser humano, portanto, um objeto de natureza psicológica, ou mesmo biológica, onde, segundo o modelo teórico gerativista se situa a dimensão estrutural e estruturante do fenômeno linguístico*” (LUCCHESI, 2004, p.196). E, para isso, baseava-se em um estado idealizado de uso da língua com um **falante-ouvinte ideal** que não sofria nenhum tipo de intervenção do meio, com ótima competência da língua, conhecimento de mundo, e mesmo sem intervenções de ordem fisiológica.

As semelhanças entre o Estruturalismo e o Gerativismo coincidem quanto às dicotomias *langue/parole* e *competência/desempenho* que formam a base, respectivamente, desses postulados teóricos. Lyons comenta sobre as correspondências entre esses modelos:

A distinção entre competência e desempenho, como feita por Chomsky, é semelhante à distinção de Saussure entre *langue* e *parole*. Ambos contam com a viabilidade de separar o que é linguístico do que é não linguístico; e **ambos aderem à ficção da homogeneidade do sistema linguístico**. Quanto às diferenças entre as duas distinções, pode-se argumentar que a de Saussure tem menos tendência psicológica do que a de Chomsky. (LYONS, 1981, p. 215-216) [grifo nosso].

Lyons critica a dicotomia competência/desempenho como proposta inicialmente no modelo gerativo:

A distinção chomskiana entre competência e desempenho surgiu atraindo muitas críticas. Parte delas tem a ver com a validade do que chamei de ficção de homogeneidade (...) Chomsky faz uma distinção nítida demais entre competência linguística e outros tipos de conhecimento e de capacidade cognitiva envolvidos no uso da língua, no que diz respeito a estrutura gramatical e fonológica (...) temos que reconhecer que os termos competência e desempenho são inapropriados e induzem a erro quando se trata da distinção entre o que é linguístico e o que não é linguístico. (LYONS, 1981, p. 216)

Essa crítica exposta quanto à ideia de modularidade e homogeneidade da língua presentes no gerativismo corrobora nossa opinião de valorizar um modelo de análise linguístico que seja capaz de abranger a *parole*, o desempenho do falante como inerentes ao sistema, e não vista como separada da língua, valorizando a língua efetivamente em uso, sujeita às pressões situacionais e convenções sociais. E que desenvolveremos mais à frente, seção 4, na comparação entre os modelos estruturalista e variacionista.

4 UM OLHAR SOBRE A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

Esse modelo teórico-metodológico, também conhecido como Teoria da Variação e Mudança, compartilha dos pressupostos básicos do paradigma funcionalista (Neves, 1997) pois considera a língua um sistema flexível, sensível às pressões de uso e dotado de heterogeneidade, ou seja, parte do pressuposto inicial de análise da língua em uso, cujo sistema disponibiliza aos falantes, escolhas de codificação linguística de acordo com seu objetivo comunicativo. O modelo prevê que os falantes de dada comunidade, que são estratificados socialmente, partilham normas linguísticas² e essas, por sua vez, estão estreitamente associadas ao contexto sócio-histórico e cultural no qual vivem.

O modelo considera como invariáveis independentes na análise de um fenômeno variável tanto os aspectos linguísticos como os extralinguísticos como correlacionados à escolha do falante de uma ou outra variante. Considera-se relevante o enquadramento do contexto social, bem como o propósito comunicativo, (apreensível no nível pragmático), para entender a variação linguística observável no ato comunicativo e o que influencia a seleção por parte do falante de uma variante em dado fenômeno variável.

O modelo prevê uma abordagem que privilegia o caráter quantitativo, uma vez que se baseia em dados empíricos, rigorosamente estratificados e catalogados no seio da comunidade de fala, e são concebidos como estreitamente correlacionados às variáveis sociais. E com o emprego de tratamento estatístico visa à análise das variáveis em foco para atribuir regularidades e peso relativos que podem sugerir e apontar ao pesquisador generalizações sobre o *fenômeno variável*.

Criou-se um novo ponto de vista sobre o objeto, de modo a contemplar a variação inserida no sistema linguístico. Com isso, indubitavelmente, fortaleceu-se cientificamente a Linguística com a então recém-criada Sociolinguística Variacionista, que veio para suprir as lacunas não atendidas pelos modelos estruturalista e gerativista até então vigentes.

Os objetivos do pesquisador na Sociolinguística Variacionista, segundo Cezario e Votre, podem ser assim resumidos:

O sociolinguista se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. O estudo procura verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início, ou se completou uma trajetória que aponta para mudança. (CEZARIO E VOTRE, 2008, p. 141).

Para esclarecer, segundo terminologia da Sociolinguística, um fenômeno variável, ou melhor, uma **variável linguística**, se caracteriza quando uma ou mais formas linguísticas

estão em concorrência na codificação do mesmo *significado/função* em dado contexto e em dado momento. Essas formas em concorrência são denominadas *variantes linguísticas*, formas diferentes de dizer “a mesma coisa”, com mesmo significado referencial³. E que a escolha de uma ou de outra variante é mapeável, segue padrões de uso em que incidem fatores condicionadores linguísticos e/ou extralinguísticos, formando o **envelope de variação**. A variável linguística pode ser representada pelo seguinte esquema:

$$A = x > A = x / B = x > B = x.$$

Portanto, considerando o esquema acima, na alternância dessas variantes, chamada *variável dependente*, em dado contexto, a teoria pressupõe um ou mais grupos de fatores que interfiram na alternância, chamadas *variáveis independentes*. Logo, a dependente é formada pelas variantes linguísticas que sofrem influência das variáveis independentes, dentro do contexto do fenômeno variável em estudo. Coan (2003, p.61) considerando ainda o conceito tradicional de *regra variável* nos diz a respeito sobre a condição de sê-la:

O alargamento da concepção de sistema para abrigar a variação e a mudança linguísticas traz consigo a noção de **regra variável**. Regras variáveis são concebidas como inerentes ao sistema, como padrões sistemáticos previsíveis que emergem a partir da língua em uso. Conforme Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável (regra variável). Como propriedades de uma variável linguística, Labov elencou as seguintes: ter ocorrência frequente; ser estruturalmente integrada num sistema de unidades em funcionamento e ser estratificada (LABOV, 1972, p.8).

A Sociolinguística, segundo Labov (1972; 1982; 1984), se pauta em dois princípios teóricos fundamentais: **(i)** o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções, rompendo-se, assim, a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; **(ii)** os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso.

Vale ressaltar que o objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista é a língua. Embora se volte para a fala, que é a concretização da língua em uso, e considere fatores

extralinguísticos, aspectos sociais, como interferentes na variável. Quanto a isso, nos alerta Coan baseada em Figueroa (1996, p.71):

[...] quando se diz que a Sociolinguística é o estudo da língua em seu contexto social, isso não deve ser mal-interpretado. A Sociolinguística laboviana não é uma teoria da fala, nem o estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (*langue*). (COAN, 2003, p.54)

Passemos agora à apreciação crítica entre estes dois modelos no tocante à concepção de língua como fenômeno social e como objeto de estudo.

5 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA VERSUS ESTRUTURALISMO: UMA FALSA IDENTIDADE

A Sociolinguística Variacionista coincide, basicamente, com o Estruturalismo de Saussure no tocante à concepção de língua como um fenômeno social, como assim o expõe Coan:

Ligando a sociolinguística laboviana à linguística saussuriana, vemos que o que há em comum é a noção de língua como um fato social: a língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade. Entretanto Labov discorda de Saussure, Chomsky e outros que insistem na homogeneidade necessária do objeto linguístico, que ignoram a heterogeneidade e que consideram a fala como caótica e desmotivada. (COAN, 2003, p.53)

No entanto, se opõem, principalmente, por Saussure ter alicerçado suas bases na noção de língua como sistema homogêneo, autônomo, regular e linear, no qual se exclui o plano histórico, onde se projeta o percurso evolutivo e o caráter dinâmico da língua, e se privilegia o plano sincrônico, hipoteticamente equilibrado. Quanto a isso, oportunamente expomos as palavras de Lucchesi:

Segundo Saussure a língua poderia ser estudada fora da consideração do fator tempo, já que sua estrutura constituiria um sistema de valores, em cuja lógica interna se poderia encontrar toda a sua explicação⁴. Assim, a dicotomia entre sincronia e diacronia se apoia no pressuposto de que, em cada estado momentâneo, a língua apresenta uma lógica interna, que se explica a si mesma. Tal lógica é a lógica do seu funcionamento, de suas relações funcionais. (LUCCHESI, 2004, p. 60)

Complementando, nas próprias palavras de Saussure, sobre essa concepção do estudo da língua em um estado sincrônico:

A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender esse estado deve fazer *tabula rasa* de tudo [o que o] produziu e ignorar a diacronia. Ele só pode penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado. A intervenção da história apenas lhe falsearia o julgamento. (SAUSSURE, 1973, p.97).

Esta dicotomia *diacronia/sincronia*, que era um dos pilares do modelo, foi também um dos mais conflituosos para a manutenção do modelo estruturalista, principalmente no tocante à análise da língua atualizada na fala que não era contemplada, tampouco o era o percurso evolutivo dos itens linguísticos que acompanham o evoluir sócio-histórico da comunidade de fala. Estudar a língua num estado sincrônico idealmente estável era imprescindível para o modelo estruturalista. E tudo o que fosse diacrônico representaria uma ameaça ao modelo, já que incidiria em estágios de evolução da língua e, conseqüentemente, apresentaria a variação e mudança.

Nesse sentido, para Lucchesi o ***problema da transição***, um dos princípios empíricos da Sociolinguística Variacionista para explicar como e por que a língua muda enquanto a usamos (LABOV, WEINRICH E HERZOG, ([1968] 2006), portanto uma concepção mais dinâmica, a qual questiona se a mudança se processa por estágios discretos ou em um *continuum*, se constitui em

[...] um dos pontos cruciais para a superação da concepção estrutural da mudança linguística e da própria concepção estruturalista de língua. Através do equacionamento do ***problema da transição*** através de um *continuum* ininterrupto de variação e mudança, a sociolinguística se contrapõe frontalmente à concepção de estado de língua de Saussure[...] (LUCCHESI, 2004, p.174). [grifo nosso].

Passemos à apreciação da dicotomia *eixo paradigmático/eixo sintagmático*. O modelo legado pelo suíço era incipiente e limitado no tocante ao tratamento dos componentes gramaticais. O sistema linguístico é visto por Saussure, segundo Lucchesi (2004, p. 40-41): “quase exclusivamente um sistema de signos, sendo essencial apenas a relação que une o significado ao significante. Assim, toda a estrutura sintática e gramatical ocupa uma posição secundária.” Complementa Lucchesi que o tratamento dado aos signos não era de forma isolada, mas sempre considerando o papel desses signos na organização da língua enquanto sistema, logo, “circunscrito à formulação dicotômica das relações paradigmáticas e sintagmáticas, ou seja, às relações que o signo linguístico estabeleceria nos eixos vertical e horizontal da estrutura da língua” (Lucchesi, 2004, p.42).

Nesse modelo não se contempla uma análise que privilegie as peculiaridades de uso, por exemplo, de dado elementar gramatical de forma individualizada, o porquê de uso de formas alternantes para uma mesma função/significado, ou mesmo uma mesma forma veiculando diferentes significados/funções, desprestigiando a evolução propiciada pelo uso de um item dentro de dado paradigma, uma vez que se limita ao próprio sistema de forma imanente e ao plano sincrônico para análise do sistema linguístico, a língua. Assim, não se depreende o percurso que dado item linguístico tenha percorrido e, conseqüentemente, não se observam seus novos usos, significados e novas funções que passe a desempenhar no sistema.

Bem, analisando a dicotomia *eixo paradigmático/eixo sintagmático*, como o modelo explicaria enunciados recorrentes na fala de brasileiros como: “*Eu comprei **umas** **camisa estampada** da hora, meu*” onde não há concordância nominal, ou seja, não há no eixo sintagmático a efetivação das regras de regulação do sistema previstas no modelo estruturalista, e mesmo assim a mensagem intencional do locutor de marcar o plural é facilmente compreendida pelo interlocutor na situação comunicativa? Mais complicado ainda seria o fato de em uma determinada comunidade de fala, esse desvio da norma padrão fosse observada em maior quantidade entre indivíduos de idade entre os 15 e 24 anos do sexo masculino, com baixa escolaridade. Coincidência? Para a Sociolinguística Variacionista, isso não é coincidência e há padrões de uso estreitamente relacionados tanto a características sociais como linguísticas⁵.

Ora, se boa parte dos falantes se comunica diariamente em situações informais e até formais, mas não seguem as normas apriorísticas previstas como padrão, como no exemplo acima, eles não estão usando o sistema linguístico? Se a produção linguística observável na fala não faz parte do sistema linguístico conforme previa o modelo estruturalista saussuriano, então, o que é usado durante esses eventos comunicativos?

O autor suíço chega a considerar a sintaxe como pertencente à fala e não à língua, rejeitando a possibilidade de uma sistematização dos mecanismos que formam as frases na língua⁶. Portanto, aquilo que pertence à fala, considerada caótica, irregular e não-sistematizável, é necessariamente considerado como acidental e não pertencente ao sistema, é rejeitado para a validade do modelo estruturalista que concebe a língua um sistema autônomo, imanente. Quanto a isso afirma Lucchesi:

De igual modo o estudo da **variação linguística** é excluído, a partir da concepção de língua de Saussure. Se a linguística deveria centrar-se no estudo da língua enquanto sistema, todos os fenômenos relativos à variação linguística, por serem estranhos ao sistema, deveriam ser banidos desse estudo. Ao tratar da ‘extensão geográfica das línguas e do fracionamento

dialetal', o raciocínio do Curso, a esse respeito, é muito claro: 'O fenômeno geográfico está intimamente associado à existência de qualquer língua; entretanto, na realidade, ele não afeta o organismo interno do idioma', e conclui: 'Pensamos que o estudo dos fenômenos linguísticos é muito frutuoso; mas é falso dizer que, sem eles, não seria possível conhecer o organismo linguístico interno'. (LUCCHESI, 2004, p. 42-43)

A Sociolinguística Variacionista surgiu como modelo teórico para preencher essa lacuna. A partir de seus pressupostos, rejeitou-se a dicotomia diacronia/sincronia e partilhou-se a noção de um estudo numa perspectiva sob a qual os planos diacrônico e sincrônico, segundo Wartburg (1946 p.123 *apud* CÂMARA, 1974, p.45), "*se combinam para constituir uma linguística pancrônica, onde a verdade sincrônica e a verdade diacrônica, à maneira da oposição entre 'tese' e 'antitese' da dialética hegeliana, confluem numa síntese ampla*". Além disso, acrescentamos que "*todo fato linguístico deve ser considerado no sistema de que é parte, e na sua história, que é história do próprio sistema.*" (PAGLIARO, 1930, p.176 *apud* CÂMARA, 1974, p.45).

Como já dissemos anteriormente, há convergência entre o modelo saussuriano e o da Sociolinguística Variacionista apenas quanto à concepção de língua como um artefato cultural socialmente compartilhado. No entanto, destacamos que no modelo proposto pelo suíço a língua como instrumento social, onde a partir de um indivíduo se poderia deduzir todo o sistema linguístico, mas o idioleto do falante somente seria apreensível a partir da comparação de dois ou mais idioletos. Eis o **paradoxo saussuriano**. Não seria mais coerente com a concepção de língua como fenômeno social deduzir o sistema a partir de uma comparação de vários idioletos de uma comunidade, considerando as atualizações da *parole*, instrumento de interação social?

Na sua proposta, sendo a língua um artefato socialmente compartilhado, paradoxalmente, não se valorizam fatores de ordem sociocultural presentes na interação comunicativa que se mostram efetivamente refletidos na *parole* do indivíduo que usa socialmente a *langue*. Não é aceitável incluir no sistema o idioleto, ficando a *parole* excluída do sistema, vista como acidental e irregular não passível de sistematização. Segundo Saussure, a *parole* é a exteriorização da *langue*, no entanto, vista como *input* da *langue* como se fosse desvinculada dela, um processo de efetivação do sistema, e não por si mesma como parte integrante do sistema:

[...] a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, a fala precede sempre. Como seríamos capazes de associar uma idéia a uma imagem verbal se antes não tivéssemos surpreendido uma

associação num acto de fala? Por outro lado, é ouvindo os outros que aprendemos a nossa língua materna; ela só se instala no nosso cérebro após inúmeras experiências. Por último, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvirmos os outros que modificam os nossos hábitos lingüísticos. Há, portanto, interdependência da língua e da fala; aquela é, ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Mas tudo isto não as impede de serem duas coisas absolutamente diferentes. (SAUSSURE, 1995, p. 48-49).

Acrescentamos, oportunamente, a essa discussão suscitada pelo paradoxo saussuriano, a opinião de Lyons (1981). Para o autor, não há contradição nem conflito no ponto de vista de Saussure entre sua opinião de que o sistema deveria ser estudado abstraído da sociedade em que funciona e sua concepção de que as línguas são fatos sociais. O autor afirma quanto a isso:

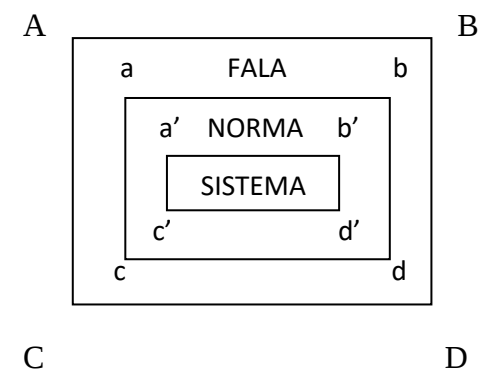
O conflito é meramente aparente. Pois mesmo se elas (**as línguas**) são fatos sociais (...) elas possuem seus próprios princípios constitutivos, únicos. Como vimos, uma análise estrutural de um sistema lingüístico não deve ser confundida com um relato das causas responsáveis pela constituição do sistema. Ao afirmar que os sistemas lingüísticos são fatos sociais, Saussure estava dizendo várias coisas: que eles são diferentes dos objetos materiais, embora não menos reais do que esses; que são externos aos indivíduos e sujeitam-nos à sua força restritiva; que são sistemas de valores mantidos por convenção social. (LYONS, 1981, p. 205).

O modelo saussuriano baseava-se numa concepção de língua idealizada isenta da variação recorrente na fala dos indivíduos que faziam uso desse sistema. Diferentemente, a Sociolinguística tem uma concepção de língua como objeto histórico culturalmente compartilhado que se constitui da interação social entre os membros de determinada coletividade. E a pluralidade sociocultural dessa coletividade estratificada reflete uma estrutura lingüística igualmente diversificada. Por isso, em essência, o foco do estudo da Teoria da Variação é o falar da coletividade, concebendo-a uma **comunidade de fala**. Ou seja, nesse modelo busca-se, a partir da fala dos indivíduos, mapear regularidades, padrões de uso de fatos lingüísticos considerando os desvios intrínsecos ao sistema lingüístico, o que no modelo estruturalista seria algo acidental e irregular.

Conforme Labov (1972) e Guy (2000), a preocupação maior da Sociolinguística é com a língua em uso, atualizada, com a mudança em curso em dada comunidade de fala, grupo visto não como homogêneo, mas sim como um grupo de indivíduos que compartilham traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outro e se comunicam mais entre si do que com outros e compartilham normas e usos diante do uso da linguagem. Desse modo, considerando-se uma comunidade de fala, é lícito e coerente estabelecer que há normas

linguísticas correlatas aos grupos de indivíduos que compartilham certos traços sociais (idade, gênero, ocupação profissional, escolaridade).

Isso nos remete à concepção de Coseriu (1967, p. 95-96) que prevê diferenças estruturais dentro do sistema linguístico de dada língua natural. Veja o esquema proposto de *norma linguística* pelo autor em dada comunidade de fala em relação ao sistema (a língua):



Quadro 1 – Sistema, norma e fala

Nesse sentido, a fala (por extensão, a escrita individual), no primeiro estrato (**a'**), está composta das particularidades estilísticas, fisiológicas e de desempenho de cada falante. No segundo estrato se constitui (**a**), tanto na fala como na escrita, aquilo que é composto da repetição dos modelos anteriores de dada comunidade de fala. Ou seja, a tradição continuada, modificada e reiterada de falar e escrever de dada comunidade linguística. No terceiro estrato (**A**), temos os elementos indispensáveis da estrutura da língua, as oposições funcionais do sistema. Nesse caso, a partir desse esquema se nos mostra que usamos o mesmo sistema do português lusitano, o que nos diferencia, e nos deixa cada vez mais distantes, é a norma do português brasileiro.

Portanto, são fundamentais essas concepções de *comunidade de fala* e de *norma linguística* aos propósitos dos estudos sociolinguísticos, uma vez que é a partir do desenho do linguista sobre um determinado fenômeno de variação observado na fala a ser estudado que deverá ser relacionado adequadamente à comunidade de fala, observando como os estratos sociais e características sociais de dada comunidade de fala correlacionam-se à variável em foco.

Constitui-se uma difícil tarefa de se realizar a de investigar a variação observável na fala, aparentemente caótica, se pensarmos em explicar como a língua muda enquanto a usamos, bem como o que motiva a mudança e quando essa ocorre. Essa foi uma das limitações do modelo estruturalista. No entanto, visando responder a essas questões que permeiam os

estudos sobre variação e mudança linguísticas, Labov, Weinrich e Herzog ([1968], 2006) postularam alguns **princípios empíricos**⁷ para descobrir o mecanismo da mudança. Esses princípios norteiam a abordagem metodológica do pesquisador variacionista na empreita do reconhecimento de uma variante que passa a covariar com outra já existente, e como e quando se instalou uma nova variante. Esses princípios se apresentam na resposta dos já consagrados problemas clássicos da pesquisa variacionista:

- (i) Como e por quais caminhos se dá a **transição** da mudança na língua?
- (ii) Quais os **fatores condicionadores** da variação e mudança?
- (iii) Como se dá o **encaixamento** no sistema linguístico e no estrato social?
- (iv) Qual a **avaliação** da comunidade de fala sobre a variação e mudança?
- (v) Por que, quando e onde determinada **implementação** da mudança ocorreu?

Quanto a isso comenta Lucchesi:

Na equação proposta pela sociolinguística variacionista para resolver a questão da mudança linguística, destacam-se os seus hoje já clássicos **cinco problemas**, que foram reunidos em sua totalidade e sistematizados pela primeira vez por Weinreich, Labov e Herzog (1968) [...] Através da consideração desses cinco problemas, é possível não apenas reconhecer os pontos em que a explicação sociolinguística da mudança supera a explicação estrutural-funcionalista, como também as características desta que se perpetuam naquela. (LUCCHESI, 2004, p. 173)

Por fim, quanto ao Gerativismo citado **na seção 3**, esse também se opõe ao modelo sociolinguístico quanto ao ponto de vista lançado sobre o objeto. Convém ressaltar as diferenças primordiais entre os modelos, e nos parecem oportunas as palavras de Pimpão ao comentar como o modelo sociolinguístico surgiu da necessidade de preenchimento de lacunas no tocante à variação linguística que era desprestigiada. Assim, o define em relação ao modelo gerativo sucessor estruturalista formal:

A interpretação formal da regra laboviana, em uma retomada à regra linguística da gramática gerativa padrão, não deve ser com essa confundida. A regra variável opõe-se à regra categórica chomskyana que gera toda e qualquer sentença da língua, alargando a noção de competência linguística e abordando regras variáveis sob um tratamento quantitativo. O esquema abstrato e formal da regra variável visa a sistematizar a variação e a tratar a frequência com que as variantes são empregadas em situações concretas de comunicação através de um modelo probabilístico. Ao contrário de Chomsky, que prevê um modelo linguístico para a sintaxe, Labov (1972) prevê um modelo de regras que atribui sistematicidade ao caráter heterogêneo do vernáculo (PIMPÃO, 2009).

A variação para os gerativistas, seguidores do paradigma formal que concebe o sistema voltado à forma, ao plano da expressão, não considera a variação. Conforme Labov, a variação dentro do modelo gerativo era explicada de duas formas:

- 1- diz-se que as variantes pertencem a dois sistemas diferentes, e que a alternância é um exemplo de “mistura dialetal” ou “alternância de código”, ou;
- 2- as variantes se encontram em “variação livre” dentro do mesmo sistema, e a seleção se encontra abaixo do nível da estrutura linguística. (LABOV, 1972[2008], p. 221).

Portanto, a Sociolinguística surgiu para preencher a lacuna que restava nos estudos linguísticos de então que relegavam a análise da língua na sua forma concreta, a fala.

6 CONCLUSÃO

No presente ensaio expusemos, de forma breve e sucinta, considerações sobre o ponto em comum entre o Estruturalismo e a Sociolinguística Variacionista, a concepção da língua como um fenômeno social. Não obstante, discurremos quanto ao diferente ponto de vista sobre a língua que cada modelo teórico adota e apontamos, conseqüentemente, as principais distinções entre ambos os modelos enfocando no contraste encontrado nas dicotomias saussurianas com a proposta variacionista.

O modelo estruturalista, apesar de reconhecer a língua como fenômeno social, não reconhece, ou antes não privilegia, o estudo da língua efetivamente em uso, ou seja, a fala. Reconhece a língua como um sistema imanente de combinações, oposições e exigências sintáticas (subcategorizações), contrastes e semelhanças caracterizando uma rede interrelacionada de possibilidades de combinações entre os elementos linguísticos dentro do próprio sistema sem conceber influências de ordem extralinguística nem reconhecer a trajetória histórica que retrata a formação da língua.

Por sua vez, para a Sociolinguística a variação é sistemática, concebida como uma heterogeneidade linguística no sistema linguístico (*langue*) de dada comunidade de fala. A variação, observada na *parole*, é tratada dentro do sistema, *da langue*, e se faz uma correlação entre os fatos linguísticos, nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico com os fatos sociais, sexo, idade, escolaridade, etc. Portanto, o sistema está sujeito também às pressões extrínsecas ao sistema, além das regras internas ao sistema, e não exclusivamente sujeito às regras internas, como na concepção do suíço Ferdinand Saussure.

Em suma, acreditamos que a concepção de língua na qual se baseia a abordagem variacionista é uma superação do modelo estruturalista pois rompe com a ideia de um sistema fechado e homogêneo ao acrescentar à noção de sistema inaugurada pelo Estruturalismo Linguístico a influência do ambiente externo, as pressões de uso da língua e correlatos sociais na sua análise. Dito de outra forma, consideramos que a partir da concepção de língua do modelo saussuriano, visto como um sistema fechado de regras e de relações, portanto, um sistema que restringe o processo de criatividade linguística aos jogos de relações dos signos nos eixos paradigmático e sintagmático, regidos pela oposição, subcategorização (semântica e sintática), se acrescentam a força condicionadora do meio, e o repositório sócio-histórico e cultural difundido e estratificado.

A nosso ver, um modelo teórico que não reconhece o caráter dinâmico da língua, e não considera em sua abordagem a análise de dados concretos, isto é, a atualização da língua na fala, um aparente caos de irregularidades, é um modelo incompleto.

Desse modo, sendo os pressupostos básicos da Sociolinguística de que a variação é inerente ao sistema linguístico, abordagem que objetiva analisar a língua em uso, atualizada, negociada⁸, vemos esse modelo como o mais adequado para o tratamento da língua em uso, não podendo ser a fala expurgada da língua como o idealiza o Estruturalismo. Portanto, o modelo estruturalista se contradiz ao considerar a língua um fenômeno social se simultaneamente rejeita a fala como parte integrante do sistema, pois desse modo, desprestigia sua realização concreta em sua função primordial, a interação comunicativa.

Notas

1- Professora de línguas portuguesa e espanhola. Mestre em Linguística (PPGL/UFC) e integrante do Grupo de Pesquisas SOCIOLIN-LE do Diretório de Pesquisa da CAPES com ênfase na área de descrição e análise sob enfoque da Sociolinguística Variacionista. Atualmente leciona no Instituto Federal do Piauí – *campus Cocal*.

2- A norma é a realização da fala da comunidade, o que é mais comum, normal e não se deve confundir com prescrição gramatical, conforme Coseriu, em sua obra: *Teoría del lenguaje y lingüística general*, 1967.

3- Quanto à questão de representação do mesmo significado oportunamente fazemos alusão à crítica suscitada por Lavandera (1978, p.181), discípula de Labov. A autora sugere que acima do nível fonológico não haveria duas unidades com mesmo significado, mas sim poderiam exercer a mesma função, sugerindo alargar o conceito, ao invés de mesmo significado para o de comparabilidade funcional. A esse respeito, conferir mais detalhadamente a exposição em Coan (2003 p. 62 - 67) e Carvalho (2007, p.31 – 33).

- 4- “a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos”. (SAUSSURE, 1973. p. 95).
- 5- No português brasileiro existem estudos sobre fenômeno de variação linguística de concordância nominal. Entre esses destaco a pesquisa de Scherre e Naro (1998).
- 6- Conferir Saussure (1973, p. 144, 162).
- 7- Esses princípios são detalhados também em Tarallo (1994, p. 73-74).
- 8- Oportunamente dialoga com o conceito de uma *gramática adaptativa* (GIVÓN, 2001).

REFERÊNCIAS

- CÂMARA JR., J. M. **Princípios de linguística geral**: como introdução aos estudos superiores da Língua Portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974. p.45.
- CAMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CARVALHO, H. M. de. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri**. 2007. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007, p. 31-33.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. in: MARTELLOTA (org.). **Manual de lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141.
- COAN, Márluce. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos Mais-que-perfeito e Perfeito**: correlações entre função(ões) – formas(s) em tempo real e aparente. 2003. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003, p.61.
- COSERIUM, E. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. 2 ed. Madrid: Gregos, 1967, p. 95-96.
- GIVÓN, T. **Syntax**: an introduction. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.
- GUY, G. **A identidade linguística da identidade da comunidade de fala**: paralelismo unidialetoal nos padrões linguísticos, [S.l.] Organon, v. 14, p. 17-32, 2000.
- LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008]
- LABOV, W. **Where does the linguistic variable stop?** A response to Beatriz Lavandera. Sociolinguistic Working Paper, nº 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W; MALKIEL, Y. (eds.), **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam: John Benjamins. 1982.

LABOV, W. Field Methods of the Project in Linguistic Change and Variation. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (eds.). **Language in Use**, Prentice-Hall: 1984.

LABOV, W. HERZOG, M.; WEINRICH, U. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. 2. ed. São Paulo. Ed. Parábola, [1968], 2006. [Traduzido por Marcos Bagno. Coleção: Linguagem, nº 18].

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: **Language society**, nº 7. Printed in Great Britain, 1978, p. 181.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola ed., 2004, p. 40-41.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PIMPÃO, T. S. Variação no presente do modo subjuntivo: redução no paradigma do modo verbal. **CELSUL- Círculo de Estudos Linguísticos, 2009**. [s.l.] Fundação Universidade do Rio Grande, 2009. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/121.htm>>. Acesso em: 25. Jun. 2012.

SAUSSURRE, F. **Curso de linguística geral**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973. [Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein].

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística**. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509- 523, 1998.

TARALLO, F. **A pesquisa sócio-linguística**. 4. ed. São Paulo: Ática - Série princípios, 1994, p. 73-74.